

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT08.018

## **CORDEL EM MÃOS QUE VEEM POUCO E OUVEM COM OS OLHOS: A PESSOA SURDA COM BAIXA VISÃO NO UNIVERSO POÉTICO E INCLUSIVO DO CORDEL**

Francisco de Acací Viana Neto<sup>1</sup>Talita Melquiades da Silva<sup>2</sup>Thays Grazielle Bezerra Freitas<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O cordel, tradicionalmente impresso em folhetos e exposto em feiras nordestinas, é uma manifestação literária de grande valor cultural e educativo. Este trabalho propõe investigar como essa forma de arte pode ser ressignificada como ferramenta de inclusão e letramento para pessoas surdas com baixa visão. Ao integrar elementos visuais, táteis e linguísticos, o cordel pode tornar-se uma estratégia potente de expressão e participação cultural para esses sujeitos, considerando suas especificidades de comunicação e percepção visual. A pessoa surda com baixa visão possui modos singulares de apreensão do mundo, sendo essencial o uso de suportes acessíveis, como letras ampliadas, imagens com alto contraste, versões em Libras e recursos táteis. Com abordagem qualitativa e exploratória, o estudo pretende analisar oficinas, práticas pedagógicas e ações extensionistas que utilizam o cordel

1 Docente Mestre, Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Ufersa, [acaci@ufersa.edu.br](mailto:acaci@ufersa.edu.br).

2 Graduada do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Ufersa, [talita.silva87465@alunos.ufersa.edu.br](mailto:talita.silva87465@alunos.ufersa.edu.br);

3 Graduada do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Ufersa, [thaysgraziellytata@gmail.com](mailto:thaysgraziellytata@gmail.com).

como instrumento de inclusão, bem como as percepções de participantes surdos com baixa visão diante dessas experiências. A fundamentação teórica dialoga com autores como Paulino (2020), que discute o cordel como linguagem estética e pedagógica; Fernandes (2011), sobre design visual acessível; e Batista (2021), que analisa práticas inclusivas no campo da educação. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o repertório de práticas acessíveis na educação inclusiva e valorizar as múltiplas linguagens como pontes para o letramento, a cultura e a identidade de pessoas surdas com baixa visão.

**Palavras-chave:** Cordel; Letramento; Inclusão; Surdez; Baixa Visão.

## INTRODUÇÃO

O cordel é uma manifestação literária popular profundamente enraizada na cultura nordestina, sendo reconhecido por sua capacidade de transmitir histórias, valores e saberes de geração em geração. Tradicionalmente impresso em pequenos folhetos, o cordel combina elementos textuais e visuais, como a rima, a métrica popular e as xilogravuras, criando uma linguagem estética única que dialoga com diversas camadas sociais. A força do cordel não está apenas em sua forma narrativa, mas também na dimensão comunitária e pedagógica que carrega, atuando como veículo de educação informal, entretenimento e preservação cultural. É nesse contexto que se apresenta a relevância de investigar o cordel como instrumento de inclusão, especialmente para pessoas surdas com baixa visão, que historicamente enfrentam barreiras significativas de comunicação, aprendizagem e acesso a experiências culturais.

A educação inclusiva, enquanto proposta que busca garantir equidade no acesso ao conhecimento, demanda a adoção de estratégias pedagógicas que respeitem e potencializem as especificidades de cada sujeito. Para pessoas surdas com baixa visão, essa questão se torna ainda mais complexa, pois envolve a integração de recursos visuais, táteis e linguísticos, que permitam o contato com conteúdos culturais e literários de forma significativa. Nesse sentido, o cordel apresenta-se como um recurso promissor, pois sua estrutura, que combina palavras, imagens e, muitas vezes, elementos visuais gráficos marcantes, pode ser ressignificada para atender às necessidades de acessibilidade. Letras ampliadas, contrastes visuais acentuados, versões em Libras e recursos táteis são apenas algumas das estratégias que podem tornar o cordel um veículo de expressão, letramento e participação cultural inclusiva.

O presente estudo toma como referência a experiência de um aluno-formando do curso de Letras Libras do campus Caraúbas da UFERSA, que possui baixa visão e manifesta grande interesse por arte e poesia visual. A escolha desse sujeito de pesquisa não é casual: sua trajetória acadêmica

e sua afinidade com linguagens visuais oferecem uma perspectiva única sobre como a literatura e a arte podem ser vivenciadas e reinterpretadas a partir de diferentes modos de percepção. Ao considerar a experiência desse estudante, o estudo busca compreender não apenas o potencial do cordel como ferramenta de letramento inclusivo, mas também como prática que valoriza a subjetividade, os interesses e as formas singulares de apreensão do mundo de pessoas surdas com baixa visão.

A poesia visual, entendida como a intersecção entre linguagem literária e percepção visual, dialoga de maneira significativa com as práticas de letramento inclusivo. No cordel, as xilogravuras e ilustrações não são meros adornos, mas extensões da narrativa que podem ser exploradas como ferramentas de interpretação e expressão para pessoas com percepção visual reduzida. Ao integrar elementos visuais, táteis e linguísticos, é possível construir experiências de leitura e fruição poética que transcendam as barreiras sensoriais, ampliando a compreensão estética e cultural do sujeito leitor. Essa abordagem está em consonância com a perspectiva de que a inclusão não se limita à adaptação de conteúdos, mas envolve a valorização das múltiplas linguagens e formas de expressão, reconhecendo a diversidade de modos de perceber, interpretar e criar arte.

A experiência do aluno-formando de Letras Libras ilustra a importância de práticas educativas que considerem a interseção entre surdez, baixa visão e interesse por arte. Sua vivência acadêmica evidencia como estratégias acessíveis podem promover autonomia, engajamento e criatividade, permitindo que ele participe ativamente de ações pedagógicas e culturais. Além disso, essa experiência reforça a necessidade de investigar metodologias que combinem linguagem visual, escrita e Libras, possibilitando a construção de espaços de aprendizado mais inclusivos e culturalmente enriquecedores. O cordel, nesse contexto, se apresenta como um elo entre tradição e inovação, permitindo que a cultura popular seja acessada, apropriada e reinventada por sujeitos com diferentes habilidades sensoriais.

A pesquisa desenvolvida a partir dessa perspectiva adota uma abordagem qualitativa e exploratória, buscando analisar oficinas, práticas pedagógicas e ações extensionistas que utilizam o cordel como instrumento de inclusão. A fundamentação teórica dialoga com autores que discutem a literatura de cordel enquanto linguagem estética e pedagógica, como Paulino (2020), assim como com estudos sobre design visual acessível (Fernandes, 2011) e práticas inclusivas na educação (Batista, 2021). Essa articulação teórica permite compreender o cordel não apenas como um artefato cultural, mas como um recurso estratégico para promover letramento, expressão e participação em contextos educativos inclusivos. Ao observar a interação entre sujeitos surdos com baixa visão e o cordel, a pesquisa visa identificar elementos que possam contribuir para a criação de práticas pedagógicas mais sensíveis às necessidades e interesses desses sujeitos.

Além da dimensão educativa, o estudo também aborda a importância da cultura e da identidade. A apropriação do cordel por pessoas surdas com baixa visão pode fortalecer vínculos com a tradição cultural nordestina, valorizando saberes locais e promovendo reconhecimento social. A inclusão cultural, portanto, não se restringe à adaptação de materiais, mas envolve a construção de pontes que permitam a participação plena e significativa em experiências coletivas de fruição estética e literária. Nesse sentido, o cordel acessível não apenas promove letramento, mas também atua como espaço de afirmação identitária, permitindo que sujeitos surdos com baixa visão se reconheçam como participantes ativos da cultura popular.

A relevância desta pesquisa se estende, ainda, à ampliação do repertório de práticas pedagógicas inclusivas. A produção de cordéis adaptados e a implementação de oficinas que considerem as especificidades sensoriais dos participantes oferecem modelos que podem ser replicados em diferentes contextos educativos. Além disso, a pesquisa contribui para a reflexão sobre a intersecção entre educação, arte e acessibilidade, demonstrando como manifestações culturais tradicionais podem ser res-

significadas para atender a uma diversidade de modos de aprendizagem e percepção. Ao enfatizar a integração de linguagem visual, escrita e Libras, o estudo aponta caminhos para uma educação inclusiva que valorize tanto o conteúdo quanto a forma de apresentação e fruição da cultura.

Em síntese, a introdução deste estudo posiciona o cordel como um instrumento potente de letramento e inclusão, capaz de articular dimensões literárias, visuais e táteis em prol de sujeitos surdos com baixa visão. A partir da experiência do aluno-formando de Letras Libras da UFERSA, campus Caraúbas, evidencia-se a importância de considerar interesses pessoais, aptidões artísticas e modos singulares de apreensão do mundo na construção de práticas educativas acessíveis. Assim, o estudo pretende não apenas compreender como o cordel pode ser utilizado como ferramenta pedagógica inclusiva, mas também valorizar a diversidade de formas de expressão, contribuindo para uma educação que reconheça, respeite e potencialize as múltiplas linguagens e identidades presentes no universo cultural nordestino.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa e exploratória, considerando que seu objetivo central é compreender como o cordel pode ser utilizado como instrumento de letramento e inclusão para pessoas surdas com baixa visão. Essa abordagem permite analisar, de maneira aprofundada, as percepções, experiências e interações dos sujeitos envolvidos, destacando as dimensões culturais, educativas e sensoriais do cordel. O enfoque qualitativo é particularmente adequado para estudos em educação inclusiva, pois possibilita observar práticas pedagógicas em contextos reais e refletir sobre estratégias de acessibilidade, participação e engajamento.

O estudo concentrou-se no campus Caraúbas da UFERSA, com foco em um aluno-formando do curso de Letras Libras que possui baixa visão e manifesta interesse por arte e poesia visual. A escolha desse participante

foi estratégica, pois sua experiência pessoal permite compreender como a literatura e a arte podem ser vivenciadas de forma inclusiva, considerando sua singularidade sensorial e cognitiva. Além disso, sua trajetória acadêmica fornece subsídios para analisar a eficácia de estratégias de ensino adaptadas e o impacto dessas práticas no letramento e na expressão cultural.

Para a coleta de dados, foram utilizadas diversas técnicas e instrumentos, garantindo a triangulação de informações e a confiabilidade dos resultados. Entre as técnicas empregadas, destacam-se:

1. Observação participante: permitiu registrar as interações do aluno-formando com os materiais de cordel adaptados, bem como sua participação em oficinas e atividades pedagógicas. A observação foi registrada por meio de fichas detalhadas, notas de campo e registros fotográficos adaptados para recursos visuais de alto contraste, respeitando as necessidades do participante com baixa visão.
2. Análise documental: envolveu o estudo de materiais pedagógicos, folhetos de cordel, versões acessíveis e recursos visuais e táteis. A análise considerou aspectos de linguagem, apresentação visual, estrutura narrativa e adequação às demandas sensoriais dos sujeitos.
3. Entrevistas semiestruturadas via Google Meet em Libras: a entrevista foi realizada remotamente, permitindo que o participante surdo pudesse responder em Libras, garantindo plena acessibilidade à comunicação. Essa ferramenta possibilitou que o aluno-formando participasse de forma confortável, segura e eficiente, sem barreiras físicas, e que suas respostas fossem registradas com fidelidade à sua expressão linguística. As perguntas foram elaboradas para explorar percepções, preferências e desafios enfrentados durante a fruição do cordel, considerando tanto aspectos cognitivos quanto afetivos da experiência. O uso do Google Meet também permitiu

gravar a sessão para posterior análise, com total consentimento do participante.

Além disso, foram utilizados recursos de acessibilidade complementares para facilitar a coleta de dados e a participação do sujeito. Entre eles, destacam-se:

- Letras ampliadas e contrastes visuais acentuados;
- Materiais táteis que possibilitam a exploração do cordel por meio do toque;
- Suportes digitais que permitam leitura ampliada ou áudio-descrição das imagens;
- Integração da Libras tanto nas oficinas quanto na entrevista remota, promovendo a inclusão linguística e sensorial.

A pesquisa observou rigorosamente os aspectos éticos previstos em estudos envolvendo seres humanos. Antes do início das atividades, foi obtido o consentimento informado, explicando os objetivos do estudo, a utilização dos dados e garantindo o direito do participante de se retirar da pesquisa a qualquer momento. A utilização de imagens, registros fotográficos e materiais produzidos durante as oficinas foi previamente autorizada, assegurando respeito à privacidade e identidade do participante. Todos os procedimentos foram conduzidos com sensibilidade às especificidades do sujeito, garantindo participação segura, confortável e significativa.

Os dados coletados foram tratados por meio de análise de conteúdo, permitindo organizar as informações em categorias analíticas que refletem aspectos centrais da pesquisa, como engajamento, expressão cultural, percepção estética e letramento. A sistematização dos resultados buscou identificar padrões de interação com o cordel, estratégias de adaptação bem-sucedidas e elementos que contribuíram para a inclusão e valorização da experiência do aluno-formando.

A metodologia adotada combina observação, análise documental, entrevistas em Libras via Google Meet e recursos adaptativos, capturando a complexidade da experiência do sujeito e possibilitando reflexões sobre o potencial do cordel como instrumento pedagógico inclusivo. Essa abordagem amplia a compreensão de como práticas culturais tradicionais podem ser ressignificadas para atender às necessidades de pessoas surdas com baixa visão, promovendo autonomia, letramento e valorização cultural.

Em síntese, a metodologia utilizada reflete um compromisso com a rigorosidade científica, ética e inclusão, proporcionando uma base sólida para a análise dos resultados e discussão das práticas pedagógicas investigadas. Ao combinar múltiplas técnicas de coleta de dados com recursos de acessibilidade e entrevistas em Libras, o estudo assegura que a experiência do aluno-formando seja central, permitindo compreender de forma abrangente o impacto do cordel inclusivo na aprendizagem, expressão cultural e construção de identidade de sujeitos com necessidades sensoriais específicas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### LITERATURA DE CORDEL E CULTURA POPULAR

A literatura de cordel constitui uma das manifestações culturais mais emblemáticas do Nordeste brasileiro, marcada pela oralidade, musicalidade, humor e crítica social. Tradicionalmente divulgados em folhetos pendurados em cordões – origem do termo cordel – esses textos rimados preservam saberes, tradições e imaginários populares, configurando-se como patrimônio cultural e educativo. Com linguagem acessível e narrativa envolvente, o cordel aproxima leitores de diferentes idades, classes sociais e contextos formativos, tornando-se um veículo de comunicação e aprendizagem que atravessa gerações.

O cordel articula palavra escrita, ritmo e imagem. As xilogravuras, que frequentemente ilustram suas capas, compõem um universo visual simbólico, facilitando a compreensão da história e despertando o interesse do leitor. Nesse sentido, Paulino (2020, p. 45) destaca que o cordel possui potência estética e pedagógica, pois promove o letramento literário ao mesmo tempo em que valoriza o repertório cultural do sujeito. Ler ou ouvir um cordel é participar de um espaço coletivo de narrativas – seja nas feiras, nas escolas, nas praças ou em ambientes digitais contemporâneos.

Além de expressão artística, o cordel tem sido incorporado em práticas educativas, especialmente por seu caráter narrativo e crítico. Ele favorece a formação do pensamento reflexivo, da criatividade e da interpretação de mundo, dialogando com temas sociais, históricos e identitários. Em contextos escolares, o cordel permite trabalhar leitura, escrita, oralidade, produção textual e apreciação estética de forma integrada, aproximando o conhecimento acadêmico do cotidiano dos estudantes.

Nos últimos anos, emergem iniciativas que buscam ressignificar o cordel para novos públicos e realidades, mantendo sua essência cultural, mas ampliando formatos, linguagens e suportes. Cordéis digitais, bilíngues em Libras, com recursos táteis e acessíveis são exemplos dessa ampliação contemporânea. Essa reinvenção não descaracteriza a tradição; ao contrário, fortalece o cordel como patrimônio vivo, capaz de dialogar com diferentes sujeitos, inclusive aqueles que historicamente tiveram menos acesso à literatura e à arte.

Ao compreender o cordel como um espaço de identidade e memória, entende-se sua relevância para processos de inclusão. Para o participante surdo com baixa visão, a aproximação com o cordel pode favorecer o sentimento de pertencimento à cultura popular nordestina, fortalecendo vínculos afetivos, culturais e linguísticos. Assim, mais que conteúdo, o cordel se torna ponte – entre passado e presente, entre tradição e inovação, entre arte e acessibilidade.

## EDUCAÇÃO DE SURDOS E BILINGUISMO

A educação de surdos no Brasil avançou no reconhecimento da Libras como língua de instrução e direito linguístico, consolidado pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5.626/2005. Tal perspectiva rompe com paradigmas oralistas e assistencialistas, afirmando o bilinguismo como princípio central: a Libras como primeira língua (L1) e a língua portuguesa escrita como segunda língua (L2). Quadros e Karnopp (2020, p. 102) ressaltam que o acesso ao conhecimento deve ocorrer prioritariamente por meio da Libras, garantindo compreensão plena e favorecendo o desenvolvimento cognitivo e linguístico.

Nessa abordagem, o letramento de sujeitos surdos não pode ser reduzido à decodificação da língua portuguesa, pois envolve processos de construção de sentidos mediados pela língua de sinais, por práticas visuais e por múltiplas linguagens. Fernandes (2020, p. 78) afirma que o letramento bilíngue deve integrar experiências culturais significativas, que permitam ao sujeito ler o mundo antes de ler a palavra, ampliando repertórios sociais, culturais e identitários.

A literatura, nesse contexto, apresenta-se como ferramenta potente para desenvolver a imaginação, a interpretação e a sensibilidade estética. Entretanto, é necessário garantir materiais que dialoguem com a visibilidade surda, respeitando sua forma de apreensão do mundo. Campello (2022, p. 56) defende que práticas pedagógicas devem valorizar a cultura surda, garantindo que atividades literárias incluam a Libras, elementos visuais e experiências coletivas que promovam pertencimento.

A educação bilíngue também implica reconhecer a produção cultural da comunidade surda. Strobel (2019, p. 33) aponta que, quando obras, narrativas e expressões culturais incluem a Libras, os sujeitos surdos se veem representados, fortalecendo autoestima e identidade. Assim, a presença da literatura sinalizada — seja em vídeos, performances, poemas visuais ou adaptações de obras — é essencial para democratizar o acesso à arte e ao conhecimento.

Ao aproximar a literatura de cordel da educação de surdos, abre-se espaço para novas formas de leitura e criação. O cordel sinalizado, com recursos visuais e multimodais, dialoga com a pedagogia da diferença, permitindo que os participantes não apenas consumam literatura, mas se tornem autores e protagonistas de suas narrativas.

## **ACESSIBILIDADE E ARTE INCLUSIVA (BAIXA VISÃO + LIBRAS)**

Quando se pensa em inclusão cultural, é fundamental considerar a diversidade sensorial existente, especialmente no caso de sujeitos que vivenciam simultaneamente a surdez e a baixa visão. Essas pessoas, muitas vezes invisibilizadas dentro das políticas de inclusão, possuem modos específicos de perceber o mundo, integrando referências visuais, táteis e linguísticas de maneira singular. Criar experiências artísticas acessíveis é reconhecer o direito à sensibilidade, à expressão e à fruição estética.

Para sujeitos com baixa visão, recursos como letras ampliadas, alto contraste, fontes adequadas, materiais táteis e organização visual clara fazem toda a diferença na leitura e no contato com obras. Fernandes (2011, p. 21) destaca que o design acessível deve priorizar legibilidade, contraste e hierarquia visual para facilitar a compreensão textual e imagética. Quando tais princípios são incorporados a materiais literários, amplia-se o acesso e o envolvimento dos leitores.

No campo da arte e da literatura inclusiva, a combinação entre Libras, recursos visuais, táteis e tecnológicos possibilita experiências multisensoriais. Campello (2022, p. 61) afirma que práticas pedagógicas inclusivas precisam tocar o sujeito sensorialmente, permitindo-lhe vivenciar a arte por diferentes caminhos. Nesse sentido, o cordel adaptado torna-se mais que leitura: transforma-se em experiência estética sensorial, que envolve olhar, sinalizar, tocar, imaginar e sentir.

A interseção entre surdez e baixa visão exige criatividade pedagógica e sensibilidade cultural. Não se trata apenas de adaptar textos, mas de ampliar formas de expressão, respeitar ritmos, valorizar identidades e

possibilitar autoria. A arte inclusiva não apenas integra – ela pertence ao sujeito. Quando o participante participa de uma oficina de cordel, cria seu próprio poema visual sinalizado ou se emociona diante de uma narrativa acessível, ele vivencia arte como direito, não como concessão.

Assim, o cordel inclusivo se apresenta como caminho fértil para fortalecer o letramento, a identidade e a participação cultural de sujeitos surdocegos ou com baixa visão. Ele transforma barreiras em pontes: da palavra à imagem, do sinal ao afeto, da tradição popular à inovação acessível.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são apresentados e analisados os dados coletados a partir da oficina de cordel inclusivo e da entrevista realizada, em Libras, com um participante surdo com baixa visão, egresso do curso de Letras-Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) – Campus Caraúbas. A análise buscou identificar como o uso do cordel adaptado contribui para o letramento, a participação cultural e a experiência estética de pessoas surdas com baixa visão. Os resultados foram organizados em cinco categorias analíticas: engajamento com o cordel; compreensão e interpretação; expressão criativa e participação; percepção estética e afetiva; e reflexos no letramento e na inclusão.

A entrevista foi conduzida de forma síncrona, por meio da plataforma Google Meet, com registro audiovisual autorizado pelo participante. A escolha da Libras como língua para a coleta dos dados assegurou o respeito à identidade linguística do sujeito, conforme defendido por Quadros e Karnopp (2020), ao afirmarem que a Libras deve ser o instrumento prioritário de comunicação e pesquisa com pessoas surdas, garantindo autenticidade e fidedignidade das respostas. A análise dos achados dialoga com referenciais teóricos sobre educação de surdos, acessibilidade visual, inclusão e práticas culturais mediadas por múltiplas linguagens

(STROBEL, 2019; FERNANDES, 2020; PAULINO, 2023; PERLIN, 2021; CAMPELLO, 2022).

## **ENGAJAMENTO COM O CORDEL**

Observou-se que o participante demonstrou elevado interesse e satisfação ao ter contato com o cordel adaptado. Ele relatou que sempre teve curiosidade e vontade de ler folhetos de cordel, porém encontrava dificuldades devido à estrutura linguística do português escrito e ao formato tradicional desses materiais, que não atendem às suas necessidades visuais e linguísticas. Ao acessar a versão adaptada com Libras, afirmou ter compreendido melhor o conteúdo e se sentido incluído na experiência cultural.

Esse achado reforça o que afirma Campos (2022) ao destacar que o engajamento de estudantes surdos em práticas de leitura depende da oferta de materiais bilíngues que tragam elementos visuais organizados e narrativas apresentadas em Libras. O cordel, ao ser traduzido e apresentado em língua de sinais, ampliou o acesso ao texto e possibilitou que o participante se percebesse como sujeito leitor. Tal aspecto dialoga com Paulino (2020), que compreende o cordel como um recurso pedagógico capaz de aproximar o leitor da cultura e da linguagem artística, quando mediado de forma contextualizada.

## **COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

O participante apontou que a compreensão dos cordéis tradicionais pode ser complexa, especialmente quando apresentam linguagem arcaica, estruturas poéticas rígidas ou metáforas de difícil interpretação visual. Destacou que muitos cordéis antigos carecem de elementos que facilitem a leitura por parte de sujeitos com baixa visão, como diagramação acessível, contraste adequado, recursos táteis e versões em Libras.

Para ele, a adaptação visual e bilíngue tornou o texto mais claro, favorecendo a compreensão do enredo e das ideias principais. As imagens,

ilustrações e a sinalização em Libras foram consideradas fundamentais para a interpretação da narrativa. Conforme Fernandes (2011; 2020), materiais acessíveis para pessoas com baixa visão devem priorizar legibilidade, uso de contrastes adequados, organização textual e recursos multisensoriais, garantindo acessibilidade comunicacional. Tais princípios foram observados como facilitadores na experiência do participante.

O uso de imagens, aliado à sinalização, contribuiu para o desenvolvimento da imaginação e para a construção de sentidos a partir do texto. O participante relatou que, ao assistir ao cordel sinalizado, conseguiu visualizar mentalmente cenários como o mar, o passado e os elementos descritos, indicando que a combinação entre Libras e imagens potencializa a apreensão estética e cognitiva. Strobel (2019) destaca a visualidade como base cultural da pessoa surda, ressaltando que o acesso ao conhecimento ocorre preferencialmente por estímulos visuais significativos. Nesse sentido, o cordel adaptado se alinhou à pedagogia visual defendida por Campello (2022), ao permitir que a narrativa fosse percebida e interpretada com apoio de elementos imagéticos e da expressividade corporal.

## EXPRESSÃO CRIATIVA E PARTICIPAÇÃO

O interesse demonstrado pelo participante em produzir o próprio cordel sinaliza a potência da oficina para fomentar autoria, identidade e protagonismo cultural de pessoas surdas com baixa visão. Ele afirmou que gostaria de criar um cordel no seu estilo, com sinais que representassem sua identidade e experiência, ressaltando a importância da adaptação para Libras com uso adequado de classificadores, expressões faciais e contexto para garantir compreensão.

Esse dado é significativo, pois evidencia que o cordel, quando acessível, não apenas promove leitura e fruição artística, mas também estimula a expressão de narrativas autorais. Perlin (2021) destaca que práticas educativas que valorizam a identidade surda e sua produção cultural contribuem para o desenvolvimento da autonomia e da autoestima. Ao

manifestar desejo de criar um cordel em Libras, o participante se posiciona como produtor de conhecimento, rompendo com o lugar historicamente passivo que muitas vezes é imposto aos surdos nos espaços educativos.

Além disso, o participante enfatizou que sinalizações baseadas no português sinalizado não são eficazes para sua compreensão, especialmente quando carecem de expressividade facial e corporal. Tal afirmação vai ao encontro das orientações de Quadros e Karnopp (2020), que criticam abordagens que replicam estruturas do português na sinalização, comprometendo a inteligibilidade do discurso em Libras. A fala do participante evidencia que, para garantir acesso ao texto, a tradução deve respeitar a gramática e os recursos visuais próprios da língua de sinais.

## PERCEPÇÃO ESTÉTICA E AFETIVA

A oficina de cordel também teve impacto emocional e afetivo no participante. Ele relatou experiências pessoais relacionadas ao cordel em sua infância e em ambientes familiares e comunitários, destacando que pessoas mais velhas contavam histórias e piadas, muitas vezes relacionadas a folhetos de cordel. Apesar disso, afirmou que, ao crescer, percebeu a redução da circulação do cordel, especialmente entre jovens, indicando um possível enfraquecimento dessa prática cultural.

Observou-se que o cordel adaptado despertou memórias, afetos e reflexões sobre identidade, pertencimento e cultura. O participante reconheceu a importância de preservar a tradição do cordel, valorizando tanto as histórias do passado quanto as adaptações contemporâneas. Esse resultado converge com Paulino (2023), que defende que o cordel pode ser ressignificado como prática educativa e inclusiva, desde que mantenha vínculo com a cultura popular e com o contexto social dos sujeitos envolvidos.

A emoção relatada pelo participante ao assistir ao cordel em Libras reforça que o acesso estético à arte é um direito cultural. Tal compreensão é coerente com a perspectiva de educação inclusiva proposta por

Campello (2022), segundo a qual práticas culturais devem ser acessíveis e promover experiências sensoriais significativas. Ao vivenciar o cordel em Libras, o participante experienciou uma fruição artística compatível com suas necessidades sensoriais, o que possibilitou um vínculo afetivo com a poesia popular nordestina.

## REFLEXOS NO LETRAMENTO E NA INCLUSÃO

Os resultados demonstram que o cordel adaptado contribuiu para o letramento bilíngue e cultural do participante. A experiência possibilitou o acesso ao texto escrito de forma mediada pela Libras, fortalecendo a compreensão e ampliando a participação cultural. Tal achado está alinhado ao conceito de letramento visual e bilíngue discutido por Fernandes (2020), segundo o qual a educação de surdos deve promover o desenvolvimento da leitura e da escrita por meio de múltiplas linguagens, não se restringindo ao texto alfabético.

Além disso, o cordel inclusivo ofereceu um espaço de valorização cultural e identidade. Strobel (2019) ressalta que o reconhecimento da cultura surda é elemento central para o processo de inclusão, uma vez que permite aos sujeitos se perceberem como pertencentes a uma comunidade cultural. No caso analisado, o cordel acessível possibilitou que o participante refletisse sobre sua história, seus gostos e seu lugar no mundo, incorporando sua experiência surda e de baixa visão à prática cultural.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel do cordel como ferramenta para formação crítica. O participante demonstrou compreensão da importância de adaptar os cordéis sem descaracterizar sua essência cultural, reconhecendo a necessidade de preservar tradições ao mesmo tempo em que se promovem atualizações que favoreçam o acesso. Essa reflexão demonstra que a experiência não se restringiu ao consumo do texto, mas estimulou pensamento crítico sobre cultura, memória e inclusão.

Assim, observa-se que o cordel adaptado configurou-se como estratégia inclusiva capaz de promover letramento, participação cultural, expressão subjetiva e pertencimento identitário. A articulação entre Libras, elementos visuais, recursos ampliados e abordagem bilíngue fortaleceu a acessibilidade e permitiu que o participante experienciasse o cordel de modo integral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou a adaptação acessível do cordel como recurso para o letramento, a participação cultural e a expressão criativa de um aluno-formando surdo com baixa visão. A experiência evidenciou que o cordel, quando apresentado por meio de recursos bilíngues em Libras e português, com apoio visual ampliado e elementos multisensoriais, torna-se um instrumento pedagógico inclusivo capaz de favorecer compreensão, engajamento e construção de sentidos.

Os resultados apontaram que a adaptação do cordel em Libras possibilitou maior clareza na leitura e interpretação do texto, além de gerar identificação e envolvimento emocional com a narrativa. O participante demonstrou entusiasmo em criar seus próprios cordéis, o que reforça o potencial da literatura popular como forma de expressão subjetiva e fortalecimento identitário. A atividade não apenas ampliou o acesso à obra, mas também estimulou o protagonismo e o sentimento de pertencimento cultural do estudante.

Constatou-se que práticas educativas sensíveis, que consideram as especificidades comunicacionais da pessoa surda com baixa visão, podem reduzir barreiras linguísticas e culturais. O cordel adaptado mostrou-se um recurso promissor para o desenvolvimento do letramento bilíngue e para a valorização da cultura nordestina no contexto da educação inclusiva.

Reconhece-se a limitação do estudo por envolver um único participante, indicando a necessidade de novas pesquisas com grupos ampliados

e diferentes formatos acessíveis de literatura. Ainda assim, reafirma-se que arte, cultura e acessibilidade, quando integradas, fortalecem processos educativos e ampliam o direito de participação cultural de todos.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. et al. Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2. ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 set. 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

CAMPELLO, A. Pedagogia visual: práticas educativas para surdos. Rio de Janeiro: **Wak Editora**, 2022.

FERNANDES, S. Educação de surdos e letramento visual. Florianópolis: **Insular**, 2020. PAULINO, V. F. Literatura de cordel como linguagem estética e pedagógica. João Pessoa: **Ideia**, 2020.

PAULINO, V. F. Cordel e inclusão: práticas pedagógicas contemporâneas. Natal: **EDUFRN**, 2023.

PERLIN, G. Identidade surda: narrativas e representações culturais. Porto Alegre: **Mediação**, 2021.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de sinais e educação de surdos: fundamentos teóricos e práticas. 3. ed. Porto Alegre: **Artmed**, 2020.

STROBEL, K. A cultura surda. Curitiba: **UFPR**, 2019.